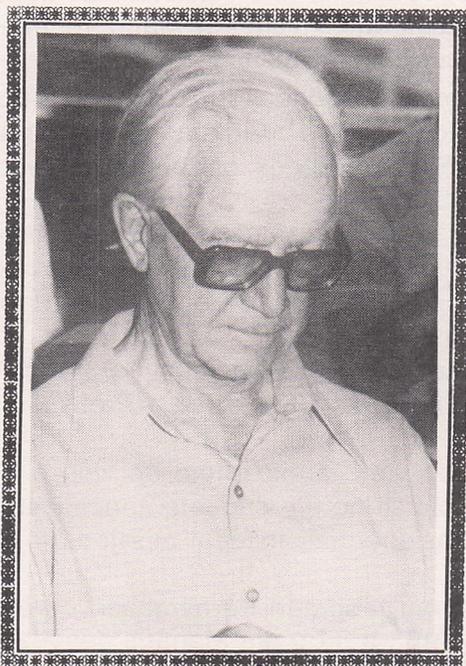


INSPETORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA
AMAZÔNIA
MANAUS — BRASIL

Manaus, 23 de março de 1982

Caríssimos Irmãos,
Com grande pesar lhes comunico o falecimento repen-
tino do



Pe. HERMANO SCHILP

ocorrido na noite de 15 para 16 de março, nesta Casa Ins-
petorial de Manaus, onde ele exercia o cargo de Secretário
Inspetorial.

Pe. Hermano havia celebrado recentemente a 8 de
dezembro, os quarenta anos do seu Sacerdócio e estava
prestes a comemorar em agosto próximo os cinquenta anos de
Profissão Religiosa e de sua chegada ao Brasil.

Nascido em Mainz (Mogúncia), Alemanha, em 20 de novembro de 1912, muitas vezes Pe. Hermano nos recordava com especial carinho as virtudes e atitudes de seus pais, Adão Schilp e Anna Wefelberg. Seu pai, honesto e conceituado funcionário municipal, exerceu importantes atividades na recuperação da cidade após a primeira guerra mundial, pelo que mereceu do seu país a honorificência da Cruz de Ferro, que Pe. Hermano conservava consigo após a morte do pai, e que nos mostrava com filial orgulho.

Filho único desse casal, foi batizado quatro dias após o nascimento na paróquia militar de Mainz, recebendo o nome de **Andreas Hermann Heinrich Schilp**.

Nesta mesma cidade cursou os estudos primários e iniciou os secundários, continuando-os depois no colégio salesiano de Essen-Borbeck, onde entrou como aspirante em setembro de 1927.

Muito ligado aos salesianos pela amizade, os venerandos pais passaram seus últimos anos junto à casa salesiana de Marienhausen-Rüdenshein, onde hoje repousam os seus restos mortais.

Em Ensdorf fez o Noviciado (1931-32). Aí recebeu a batina em outubro de 1931 e fez a Profissão trienal a 7 de agosto de 1932.

Jovem de vinte anos, cheio de vida e de entusiasmo, partia para o Brasil no fim daquele ano, iniciando assim uma entrega de suas energias ao ideal missionário que nunca mais abandonou.

Vêmo-lo em Jaboatão, Pernambuco, cursando a Filosofia nos anos de 1933 a 34 e em Manaus desde janeiro de 1935 para os três anos de tirocínio prático no Colégio Dom Bosco. Aí fez a Profissão perpétua no dia 7 de agosto de 1935.

No Instituto Pio XI da Lapa, em São Paulo, distinguiu-se pelas notas brilhantes conquistadas em 4 anos de estudos teológicos, como atestam os velhos boletins escolares que encontramos entre seus papéis.

O ano de sua Ordenação sacerdotal foi particularmente notável, por se celebrar então o centenário do Sacerdócio de Dom Bosco e do início dos Oratórios Festivos. Foi soleníssima a cerimônia da Ordenação sacerdotal em 8 de dezembro de 1941, na Catedral provisória de São Paulo, juntamente com 40

outros candidatos da sua e de outras Congregações Religiosas.

De tal modo foi apreciado o seu aproveitamento nos estudos, que após a Ordenação, os superiores o quiseram conservar no Instituto Pio XI por mais três anos, como Ecônomo e Professor de Arqueologia Cristã, História e Arte Sacra, matérias em que se distinguiu como exímio conhecedor durante toda a sua vida.

Volta então para nossa Inspetoria e aí sua carreira se desenvolve em quatro cidades do nosso Norte e Nordeste: Manaus, Porto Velho, Belém e Fortaleza.

Eis, em resumo, o seu fecundo "Curriculum Vitae" nessas localidades:

1945	— Manaus	— Encarregado dos estudos no Seminário Arquidiocesano São José.
1946-47	— Manaus	— Encarregado dos estudos no Colégio Dom Bosco.
1948-50	— Belém	— Ecônomo no Colégio do Carmo.
1950	— Fortaleza	— Auxiliar da Paróquia salesiana.
1951-54	— Manaus	— Reitor do Seminário Arquidiocesano São José
1955	— Fortaleza	— Secretário do Arcebispo Dom Lustosa.
1956-58	— Manaus	— Ecônomo do Colégio Dom Bosco.
1959-65	— Manaus	— Diretor do Colégio Dom Bosco
1966-71	— Porto Velho	— Diretor do Colégio Dom Bosco.
1972-74	— Manaus	— Diretor do Centro Educacional Domingos Sávio.
1975-76	— Porto Velho	— Diretor do Instituto da Prelazia.
1977-79	— Porto Velho	— Diretor do Colégio Dom Bosco.
1980-82	— Manaus	— Secretário Inspetorial.

Exercia, pois, há dois anos o cargo de Secretário Inspetorial e residia nesta nova casa inspetorial inaugurada o ano passado, quando decidiu empreender uma viagem à Alemanha em visita aos parentes. Embora sua saúde não fosse das melhores, acusando já diversos achaques, todavia nada fazia supor, nem a ele mesmo, ao partir, que algo de mais grave já sofria, e que iria se agravar em contacto com o frio europeu, neste ano particularmente rigoroso.

Após duas semanas apenas de estadia no Colégio Salesiano de Marienhausen e com seus parentes, uma imprevista infecção leva-o a se internar no Hospital de Offenbach, onde a descoberta de diabetes e de distúrbio cardíaco obrigou-o a uma longa estadia de mais de três meses.

Atendido fraternalmente pelos salesianos de Marienhausen e daquela Inspetoria, que lhe custearam generosamente todo o tratamento, pelo seu primo e pelos abalizados médicos, foi se recuperando aos poucos; cicatrizou-se lentamente a ferida e diminuiu sensivelmente o teor de açúcar no sangue acusado a princípio.

Durante esse tempo escreveu diversas vezes, expressando sua saudade e ânsia de retornar ao Brasil, não por que lhe desagradava estar em sua amada pátria, mas pelo amor para com seus conterrâneos de adoção. De fato, é significativo o que lemos na sua agenda a respeito dos últimos dias vividos na Alemanha:

8 de março — Tive alta no Hospital. Deo Gratias!”

9 de março — “Comprei passagem pela VARIG para o Brasil, via Porto-Portugal”

12 de março — “Chegada em Manaus. Finalmente em casa!”

Voltou entre nós. Voltou para oferecer-nos uma grande, trépida alegria, logo apagada quatro dias depois pela tristeza de uma morte repentina.

Na noite do dia 15 entreteve-se em animada conversação com os outros salesianos da casa até às 22,30 hs. Não acusava distúrbio alarmante algum. Na manhã seguinte, como não apareceu para a Missa, foram bater ao seu quarto. Estava o nosso caro Pe. Hermano estendido no chão, a luz da cabeceira acesa. Segundo o informe do médico, um enfarte no miocárdio lhe havia truncado a vida em torno da meia-noite.

Simple como viveu, assim morreu Pe. Hermano. Na solidão de um quarto, sem poder contar com a presença confortadora dos irmãos, com os quais tanto gostava de se entreter em longas conversações. Fixos os olhos no mistério de Jesus Cristo morto e ressuscitado, aceitamos na fé a sua morte, enquanto com amor recolhemos como relíquias preciosas as lembranças de sua vida.

Conhecidíssimo na cidade, onde possuía incontáveis ex-alunos e amigos, a notícia de sua morte deixou a todos profundamente consternados. Compareceram ao funeral em grande número, no dia 17 de março, às 8 horas da manhã. A Missa exequial foi celebrada na Igreja Dom Bosco por sua Excia. o Arcebispo de Manaus, Dom Milton Correa Pereira e concelebrada por Dom Antônio Sarto, Bispo Coadjutor de Porto Velho e

por cerca de 40 sacerdotes salesianos, seculares e de outras Congregações acorridos ao enterro. Dom Milton, que também oficiou a Missa do 7.º dia, relembrou com carinho e saudade a atuação do falecido junto ao Seminário Arquidiocesano. A encomendação junto ao túmulo foi oficiada por Dom Antônio Sarto, junto ao qual, em Porto Velho, Pe. Hermano trabalhou por vários anos.

Diz a pequena lembrança impressa por ocasião da Missa de 7.º dia:

“Apóstolo e Educador, Pe. Hermano Schilp fez de todo o seu ser uma PREGAÇÃO VIVA de bondade, de simplicidade, de suave paz, de amor à ordem e ao belo, de dedicação ao ministério; virtudes que refulgiram de tal modo em todos os seus atos, que mesmo após sua partida, continuam vivas em nossa lembrança, a nos encher de encanto e saudade”.

De fato, Pe. Hermano literalmente encantou a quantos tiveram a felicidade de conviver com ele:

Plasmado pelo Espírito Santo para a vocação de Educador, quase toda a sua vida passou-a em colégios. Por longos anos, em Manaus e Porto Velho, lecionou Ciências Físicas e Biológicas, História e Religião com comprovada competência. No trato com os alunos, tinha realmente espírito jovem, porém de uma forma calma e pacata, de Mestre e de Pai que o tornavam aceito e procurado por eles. Quando diretor do Colégio Dom Bosco de Porto Velho, seu escritório era assediado quase de contínuo pelos meninos, que lá entravam, se não para alguma incumbência ou conselho, pelo simples prazer de estar com ele.

Seu amor à ordem foi talvez a característica mais fácil de se notar: metucioso em todas as cousas e atividades, levava à frente o Arquivo e a Secretaria Inspecional como um relógio, não esquecendo minúcias que revelavam fina delicadeza de trato e simplicidade de coração, como a preocupação de deixar pronta sobre a mesa, ao partir para sua terra, a lembrança para cada salesiano aniversariante daquele período até à sua volta, que esperava ser por ocasião da Epifania. A mesma delicadeza demonstrou como Diretor — para citar uma atitude entre muitas — no esmero com que cuidava da ceia na véspera do Natal. Para ele era uma autêntica “celebração” que começava pela leitura do Evangelho apropriado, continuava com orações e se

consumava num clima de verdadeira confraternização e alegria espiritual.

Emerge deste fato outra faceta característica de sua grande personalidade: o amor e zelo pela Liturgia cuidadosamente preparada e profundamente vivida. Não era uma simples aparência. Era a sua íntima união com Deus que transbordava.

Vida plena, alimentada por uma piedade simples e sentida, Pe. Hermano hauria da Celebração Eucarística diária a força da mansidão e da bondade. Ainda lembramos a emoção com que rezou as Missas nos poucos dias em que permaneceu entre nós após a sua volta da Alemanha: o senso de gratidão a Deus, a solenidade dos gestos, o fervor, a compenetração.

Acostumado e assíduo à leitura e meditação da Palavra de Deus, preparava diligentemente suas homilias; capelão das nossas Irmãs, dedicou-se a esse ministério com meticulosa assiduidade; confessor procurado por jovens e adultos, acompanhava seus penitentes com discrição e afeto.

Tarde da noite, ao voltarmos dos afazeres pastorais com os jovens, em Porto Velho como em Manaus, Pe. João Carlos e eu nos edificávamos tantas vezes ao vê-lo com o terço na mão, caminhando para cá e para lá na penumbra, dedicando assim à meditação dos Mistérios e ao afeto filial para com a Mãe de Deus os últimos momentos do seu dia de trabalho.

Amava o Brasil com verdadeiro afeto. Conhecia em profundidade a História da nossa terra e discorria com notável erudição sobre Literatura Brasileira, da qual havia lido muitos autores. Naturalizou-se brasileiro em 22 de julho de 1961, na nossa terra viveu 50 fecundos anos de sua existência e nas cartas durante a sua enfermidade só falava em voltar. São particularmente eloquentes e fazem crescer diante de nosso conceito a sua alma pura e bondosa essas palavras que encontramos em sua agenda, em data de 26 de dezembro passado:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Na presença da SS. Virgem Maria Imaculada Auxiliadora, de São João Bosco, de São Domingos Sávio, de Santa Maria Domingas Mazzarello e especialmente do Bem-Aventurado Pe. Miguel Rua, imploro a graça de sair quanto antes desta clínica, curado da minha ferida e de qualquer outro mal, e de voltar para o Brasil. Nesta intenção faço a promessa seguinte:

voltando ao Brasil prometo, 1.º) Dedicar-me com assiduidade ao ministério das confissões, não só confessando os fiéis que me procuram para este fim, mas mesmo procurando as ocasiões para confessar. 2.º) Ler, na íntegra, a biografia grande do Bem-Aventurado Pe. Miguel Rua, preferindo esta leitura à de qualquer outro livro (no dia de sua morte, encontramos essa biografia sobre sua mesa de trabalho). 3.º) Para maior controle darei conta da observância dessa promessa nas minhas confissões. Que o Espírito Santo que me inspirou essa promessa, me ajude a ser fiel. Assim seja”.

Como São Francisco de Assis, foi proverbial nele o amor à natureza, às artes e ao belo. Gostava de discorrer sobre os estilos de pintura e arquitetura de todas as épocas, dos quais era bom conhecedor. Possuía vasta coleção de livros de arte e assinava revistas de sua terra especializadas em arquitetura das igrejas.

Mas o monumento mais “artístico” que soube edificar foi a sua própria alma cheia de uma beleza interior que a todo momento transparecia nos olhos, no sorriso, nas palavras, nas atitudes.

“Bem-aventurado o servo que o senhor, ao chegar, encontrar vigilante”(Lc 12,37). Dissemos que, ao penetrar em seu quarto, encontramos-lo de lâmpada acesa. Pode ter sido um símbolo. O Senhor veio buscá-lo com morte repentina, porém não improvisa. Como o servo do Evangelho, encontrava-se acesa a lâmpada de sua vigilância e se apresentou diante do Pai com as mãos carregadas de méritos.

Confiamos agora à caridade dos irmãos a solicitude pelos sufrágios, se é que sua bela alma ainda os necessita. E a todos nós, que seus exemplos não morram com ele, mas que permaneçam em nossa lembrança, não só para “nos encher de encanto e saudade”, mas para os reproduzirmos em nossa vida.

Pe. Walter Ivan de Azevedo
Inspetor Salesiano

Dados para o Necrológio:

Pe. Hermano Schilp, nascido em Mainz (Mogúncia), Alemanha, em 20 de novembro de 1912 e falecido em Manaus (Amazonas), Brasil, a 16 de março de 1982, com 69 anos de idade, 50 de Profissão religiosa e 40 de Sacerdócio. Foi Diretor por 25 anos.